

Introdução

O *bullying* é um fenómeno social que ocorre em qualquer parte do mundo, em particular com crianças e jovens em contexto escolar. Revela-se como um dos mais marcantes conflitos do nosso quotidiano, que quando mal resolvido nas mentes dos jovens pode deixar marcas permanentes, e em situações mais extremas poderá conduzir a tentativas de suicídio ou mesmo à morte.

Por esse ato de cariz discriminatório, a Amnistia Internacional considera que nenhum jovem deverá, em nenhum momento da sua evolução natural, ser excluído ou tratado de forma agressiva e diferenciada em relação a qualquer vertente da sua dimensão humana, por qualquer colega ou adulto.

Com base nesta visão, a AI decidiu abraçar o projeto internacional “*Stop Bullying! Uma abordagem baseada nos direitos humanos para combater a discriminação nas escolas*” enquadrado no programa de Educação para os Direitos Humanos da Amnistia Internacional, que entre Outubro de 2014 e Setembro de 2016 pretendeu reduzir em 33% as incidências de bullying em dezassete escolas europeias.

O presente relatório apresenta os principais resultados e o impacto do projeto nos diferentes contextos em que foi desenvolvido, com especial relevo para as seis escolas nacionais, bem como novas potencialidades estratégicas para combater um fenómeno tão vincado da nossa sociedade, que poderão ser rentabilizadas e incorporadas na raiz do trabalho de Educação para os Direitos Humanos da Amnistia Internacional Portugal.

Avaliação Global Projeto Stop Bullying (resumo)

Anexo a consultar para informações detalhadas: Relatório final Stop Bullying – Compilado pela AI Itália

Resumo da execução do projeto

A educação para os direitos humanos é a aprendizagem sobre os princípios e práticas de direitos humanos, os valores que os sustentam e como eles podem ser reivindicados, protegidos e promovidos.

A metodologia de educação em direitos humanos facilita o empoderamento dos detentores de direitos para reivindicar os seus direitos, informa e mune públicos mais amplos com conhecimentos, capacidades e ferramentas para identificar abusos de direitos humanos e como poderão desenvolver ações concretas, individuais e coletivas, para promover, defender e praticar esses direitos.

O projeto "Stop Bullying! Uma abordagem baseada nos direitos humanos para combater a discriminação nas escolas" teve como objetivo envolver e capacitar comunidades educativas a tomarem medidas contra todas as formas de humilhação, perseguição e agressão na Europa, utilizando a educação para os direitos humanos como uma ferramenta para a mudança.

Como objetivo geral, o projeto pretendeu reduzir as ocorrências de bullying e discriminação, através da integração dos direitos humanos em todas as áreas da vida educativa das 16 escolas envolvidas.

Para isso, uma parceria formada por três membros da Amnistia Internacional (Irlanda, Polónia e Portugal) e liderada pela Amnistia Internacional na Itália mobilizou **2982 multiplicadores: professores, pessoal não docente, estudantes e outros atores escolares (directores e pais) e 16 escolas** que desenvolveram documentos de compromisso como a "Carta de Comportamentos" para tornar cada ambiente escolar num ambiente mais seguro e protegido de discriminação.

De acordo com as avaliações disponíveis, **o projecto teve um papel importante na construção da cultura dos direitos humanos nas escolas** e no **desenvolvimento das competências dos jovens no combate ao bullying e à violência nas escolas**. Os elementos-chave que contribuíram para a bem-sucedida implementação do projeto foram (de acordo com a avaliação externa REDU):

- **A abordagem holística de toda a escola:** em que todos os membros da comunidade escolar estiveram envolvidos. Isso permitiu - para ações sistêmicas - prevenir e impedir mais ocorrências de bullying nas escolas;
- **A variedade de atividades desenvolvidas.** As escolas participantes utilizaram diferentes formas de educar e envolver estudantes, professores, pessoal não docente e pais no trabalho contra o bullying e a violência, através de ações como mobilizações, *flash mobs*, formações e ações locais.
- **A criação de espaços para o ativismo:** os jovens envolvidos no projeto foram capacitados e motivados para desenvolver suas próprias ações contra o bullying, a discriminação e a violência.
- **A boa preparação e capacitação:** todas as escolas receberam atividades de formação para fortalecer as suas capacidades de educação em direitos humanos.
- **O desenvolvimento de estratégias contra o bullying e códigos de conduta** específicos em cada escola participante.
- **O apoio contínuo:** as secções internacionais da Amnistia prestaram apoio às escolas durante a execução do projecto, através de formação adicional, sessões de sensibilização e reuniões pontuais.

"Os jovens e professores entrevistados no processo de avaliação notaram uma mudança substancial no ambiente escolar, que se tornou mais amigável e o onde se observou um declínio da violência e incidentes de bullying. Os incidentes de bullying passaram a ser relatados mais rapidamente e resolvidos sem atrasos de maior. Além disso, as relações entre professores e alunos melhoraram."

As principais ações que contribuíram para mudança de práticas e procedimentos das escolas participantes, para sensibilizar e combater o fenómeno do bullying e da discriminação foram as seguintes:

- **Eventos de formação:** 16 cursos de formação para professores de 17 escolas, envolvendo **478 professores**, 17 cursos de formação para funcionários de cada escola, envolvendo **192 participantes**, 169 workshops com alunos, envolvendo **3.344 participantes**.
- **Actividades de sensibilização:** 24 eventos envolvendo **4.228 participantes**.
- **Ações de governação e participação na escola:** envolvendo 17 escolas e conduzindo ao desenvolvimento de - para cada uma delas - **avaliações diagnósticas sobre o bullying e a discriminação; vade-mecums/guias** para as escolas envolvidas; **plano de ações e carta de comportamentos**.
- **Ações de envolvimento, ativismo e rede de jovens:** 1 acampamento internacional de jovens na Itália e 16 mobilizações locais, envolvendo os **73% de jovens que participaram nos eventos de formação** que relataram mudanças comportamentais e tomaram medidas contra o bullying e a discriminação.

“O Projeto Stop Bullying demonstrou que, se todos os membros da comunidade educativa estiverem envolvidos, cada ambiente escolar melhorará suas práticas, procedimentos e metodologias participativas, num conjunto de ações que refletem a voz de todos, transformando cada espaço educativo numa comunidade mais segura, saudável e amiga dos direitos humanos.”

Resultados do projecto

Resultado Esperado 1/S01 - As pessoas e as comunidades escolares de quatro países europeus estão preparadas com conhecimentos e competências para prevenir o bullying e a discriminação, proteger as vítimas e promover os direitos humanos.

A acção resultou em 3816 indivíduos (469 professores, 190 funcionários da escola / pessoal não docente e 3157 estudantes) em 16 escolas nos quatro Estados-Membros que comunicam um aumento de conhecimentos e competências para prevenir o bullying e a discriminação, proteger as vítimas e promover os direitos humanos.

Resultado Esperado 1 / S02 - O ambiente escolar em quatro países europeus mostra um grau mais elevado de amizade com os direitos humanos e torna-se um lugar onde a igualdade, a não discriminação, a inclusão, o respeito e a dignidade são mais respeitados.

Resultado esperado 2 / S02 - Os princípios dos direitos humanos e da não-discriminação em quatro países europeus reflectem-se nas políticas em que se baseiam as práticas e procedimentos das escolas, em matéria de protecção da criança, combate ao bullying e igualdade.

Esta acção começou a trabalhar com 17 escolas em quatro países parceiros, para desenvolver políticas e práticas no que diz respeito à proteção da criança, práticas anti-bullying e promoção da igualdade. No final da ação mantiveram-se 16 escolas envolvidas no projeto, tendo-se assinalando o abandono de uma escola na Irlanda. Assinalou-se o envolvimento **3745 participantes multiplicadores** (475 professores, 191 funcionários da escola, 3079 jovens) que, depois de terem recebido formação, relataram ter mais capacidade de envolver as suas comunidades escolares para a promoção da igualdade, a não -discriminação, a inclusão, o respeito e a dignidade, tornando estes princípios o núcleo fundamental da sua vida escolar. De entre estes participantes 2982 participaram nas ações de formação dinamizadas pela AI.

Outro dos resultados mais importantes deste projeto foi o compromisso obtido com todas as escolas, através da Carta de Comportamentos, que foi estruturada a partir das considerações dos grupos de trabalho de cada escola e as direções escolares, revelando um grau de empenho e motivação acrescido para tornar cada contexto escolar num espaço mais inclusivo, não discriminatório onde os direitos humanos são respeitados.

Resultado esperado 1 / SO3 - Os jovens em escolas de quatro países europeus estão empenhados em tomar medidas contra o bullying e a discriminação dentro e fora das escolas.

No final da acção, 73% dos jovens que participam nos eventos de formação relataram alterações comportamentais e passaram a agir contra o bullying e a discriminação com maior conhecimento e segurança..

Impacto a longo prazo e /ou efeito multiplicador do projecto

Os resultados obtidos com o projeto Stop Bullying representam uma base para alcançar, a longo prazo, uma maior redução do fenómeno do bullying e da discriminação, e não apenas nas escolas que estiveram envolvidas no projeto. O projeto/programa Stop Bullying será integrado na abordagem educacional da Amnistia Internacional, através do seu programa das Escolas Amigas dos Direitos Humanos e de toda a rede de escolas abrangidas por este programa, através do Programa Global de Educação em Direitos Humanos, coordenado a partir da AI em Oslo.

A longo prazo o papel dos multiplicadores será crucial para a continuidade das ações de sucesso do projeto. Com os jovens que estiveram envolvidos em atividades do projeto como os workshops, integração nos grupos de trabalho e o Encontro Internacional de Palermo, os multiplicadores que auxiliaram alunos mais novos, passaram agora para o ensino superior e tentam implementar a mesma abordagem holística e os princípios nas suas universidades. Esta base de voluntários vai permitir aos alunos tornarem-se cada vez mais parte da solução, pois aqueles que foram em tempos ajudados e sensibilizados pelos seus pares irão querer replicar essas boas práticas com as quais foram apoiados.

Sustentabilidade dos resultados

As metodologias, práticas e políticas implementadas, que já faziam parte do programa das Escolas Amigas dos Direitos Humanos da Amnistia Internacional - agora aplicado com sucesso contra o bullying - continuarão a ser desenvolvidas no contexto das atividades de educação para Direitos Humanos dos parceiros. A rede de Educação em Direitos Humanos da Amnistia Internacional também está a tirar partido das lições aprendidas, recursos e experiências que foram sendo constantemente partilhadas durante o projeto.

Assim, os planos de EDH, em relação ao combate ao bullying, para o ano letivo de 2016/2017 nos países envolvidos incluem as melhores práticas participativas contra o bullying e a discriminação, juntamente com conhecimentos adquiridos e competências desenvolvidas pelos multiplicadores e educadores. Materiais de apoio, como vademécums/guias das escolas, manuais, vídeos, planos de aula, histórias de mudança, levantamento de materiais de sensibilização, estão agora incluídos nas práticas das escolas envolvidas. A maioria das escolas continua a promover os seus planos de ação para combater a questão do bullying como um abuso de direitos humanos.

Em termos de governança escolar, a mudança nos ambientes escolares mostra um maior envolvimento das direções escolares na metodologia implementada, afastando-se progressivamente da metodologia "clássica" para uma metodologia participativa de todos os atores escolares, sem hierarquização nem desigualdade de poderes.

Finalmente, o envolvimento dos jovens já representa uma chave para a sustentabilidade. O sentido de "apropriação" demonstrado nas diferentes fases do projeto permite que eles atuem como "multiplicadores naturais", disseminando conteúdos, abordagens e valores de direitos humanos.

Dimensão europeia e valor acrescentado dos resultados do projecto

Os direitos humanos e a não discriminação são valores fundamentais na Europa. Elas estão inseridas no seu tratado fundador e reforçadas na Convenção Europeia dos Direitos do Homem e na Carta dos Direitos Fundamentais.

Discutir sobre bullying e participação como temas de direitos humanos, permite que alunos adquiram o conhecimento sobre um fenómeno inicialmente percebido como algo muito pessoal e pouco relevante, que é de facto uma verdadeira violação dos direitos humanos e deveria ser tratado aplicando valores e ferramentas de direitos humanos (como a participação). Assim, parceiros e escolas de quatro países europeus ajudaram as comunidades escolares:

1. **A aprender sobre a contribuição dos direitos humanos como um valor europeu, que prevenir o bullying nas escolas**, discutindo o bullying nas escolas como uma questão relacionada com os direitos humanos,
2. **A ter um sentido de solidariedade europeia na forma como abordam a questão do bullying.**
3. **A aprender sobre a diversidade na Europa trabalhando com escolas de outros países.**

Além disso, o projeto promoveu:

- A utilização das diferentes línguas da UE nos materiais de formação e aprendizagem.
- A cooperação entre os centros participantes e os estabelecimentos de ensino.
- O intercâmbio de informações e experiências.
- O encorajamento de jovens e estudantes a utilizar e a aceder a novas tecnologias de forma eficaz e segura na EU.
- A mobilidade dos profissionais da educação.
- O sentido da identidade europeia no seio dos jovens e os princípios da democracia, da justiça social e do respeito pelos direitos humanos (Declaração de Copenhaga, Abril de 1978);
- O envolvimento dos jovens para contribuir para o desenvolvimento social da UE.

Disseminação do projeto

A disseminação do projeto teve lugar em três níveis diferentes: nacional, europeu e internacional.

Nos quatro países participantes as atividades dos projetos e os resultados foram divulgados nas quatro páginas de cada membro da AI. Além disso todos os parceiros utilizaram as suas redes nacionais de contacto, com especial atenção aos professores, educadores e ativistas dos países parceiros com artigos e informações *online*.

A nível europeu e mundial, graças ao Secretariado Internacional e ao Programa Global de EDH, a equipa do projecto Stop Bullying teve acesso aos seus próprios canais de comunicação. Um dos momentos cruciais para a divulgação do projeto foi o Fórum Global de Educação em Direitos Humanos da Amnistia Internacional, que teve lugar em Joanesburgo entre 28 de Junho e 1 de Julho de 2016. Participaram 101 pessoas de 51 entidades da Amnistia, onde Aleksandra Gorecka, Francesca Cesarotti e Nelson Lima dinamizaram um workshop, apresentando os principais resultados do projeto aos participantes.

Esta sessão, incluída no workshop temático sobre as Escolas Amigas dos Direitos Humanos, foi considerada uma das mais interessantes e valiosas do Fórum. A rede de Escolas Amigáveis aos Direitos Humanos inclui 20 países e cerca 90 escolas em todo o mundo e a rede de Educação em Direitos Humanos da Amnistia Internacional inclui mais de 180 membros de 67 países. Ambas as redes comprometeram-se a partilhar as melhores práticas, lições aprendidas e histórias de mudança.

Avaliação interna e externa

A abordagem participativa foi incorporada em todas as etapas da monitorização e avaliação do projeto. Parceiros e escolas mediram todos os aspetos da mudança, incluindo os conhecimentos e a capacitação, através do questionário (plataforma: *survey monkey*) sobre a “temperatura do bullying”, planos de ação desenvolvidos pelas escolas, a avaliação dos participantes durante os workshops, as formações e as visitas regulares às escolas. Os dados quantitativos foram recolhidos através de uma Matriz de Monitorização e Avaliação desenvolvida no início do projeto.

Uma avaliação externa no final do projeto forneceu um corpo de informação qualitativo e quantitativo sobre as experiências dos participantes no projeto. Esta avaliação relatou a dimensão da mudança em cada escola participante.

Globalmente, este complexo sistema de avaliação deu aos parceiros um conjunto de dados quantitativos e qualitativos que serviram de referência para alterar as suas práticas e procedimentos de combate ao bullying e à discriminação.

Em termos qualitativos, a avaliação externa realizada pela REDU relatou:

“O projecto foi bem sucedido, relevante para a vida dos jovens na Europa dos nossos dias e muito necessário para desenvolver as competências necessárias nos jovens para enfrentar os desafios que enfrentam todos os dias, relacionados com bullying, discriminação e violência. O projecto implementado em 4 países teve um importante papel na construção da cultura dos direitos humanos nas escolas e permitiu desenvolver as competências dos jovens no combate ao bullying e à violência nas escolas. A implementação do projecto é atempada (com as alterações introduzidas pela Amnistia Internacional e comunicadas à Comissão Europeia) e de acordo com o plano do projecto (...).”

“Os jovens e professores entrevistados no processo de avaliação notaram uma mudança substancial na atmosfera escolar, que se tornou mais amigável e onde houve um declínio na violência e incidentes de bullying. Os incidentes de bullying são relatados com mais frequência e tratados sem atrasos. Além disso, as relações entre professores e alunos melhoraram. Vários desafios foram identificados na implementação do projeto. Alguns deles referiram-se à intensidade do projeto (muitas atividades, muita responsabilidade dos professores), a sua duração (um pouco longa demais) e o pequeno número de atividades internacionais.”

“Os dados recolhidos no processo de avaliação, tanto qualitativos como quantitativos revelam, sem qualquer dúvida, a importância do projeto e seu forte impacto na comunidade escolar.”

Principais dificuldades na implementação do projeto

A realidade educativa portuguesa vive um contexto profissional, social e político muito particular. Principalmente desde a crise económica de 2011, que conduziu a uma reestruturação do sistema educativo, a uma série de cortes nos recursos humanos disponíveis para a área da educação e ao retrocesso na progressão das carreiras docentes, as escolas readaptaram-se a uma nova realidade.

O clima de alguma instabilidade e falta de motivação dos profissionais que trabalham com crianças e jovens instalou-se, aliado a um currículo com pouco espaço para a introdução de novos tópicos ou abordagens que vão além do estabelecido pelo Ministério da Educação e Ciência. Foi por vezes difícil agilizar algumas iniciativas com a participação de todas as partes interessadas, assentes em metodologias e atividades educacionais formais e não-formais.

As principais restrições encontradas no desenvolvimento de workshops e formações foram:

- Dificuldade de motivar os professores em novas atividades e metodologias pedagógicas, devido às limitações de progressão na carreira e exigência do calendário curricular escolar (preparação de exames nacionais)
- Dificuldade em definir um calendário para envolver os diferentes grupos-alvo e partes interessadas em workshops, cursos de formação e reuniões de grupos de trabalho, dentro ou fora das atividades curriculares, devido ao calendário completo de cada participante.
- Requisitos burocráticos do Ministério da Educação, que não deixam muito espaço para atividades extracurriculares.

- O compromisso de algumas direções escolares para o projeto foi superficial. Foi permitido que os professores coordenadores realizassem o planeamento do projeto, mas por vezes não tinham uma intervenção coordenação mais ativa no desenvolvimento dessas mesmas atividades.

No entanto, para superar estas dificuldades, as escolas fizeram um esforço considerável para ajustar os horários e motivar os participantes chave do projeto, envolvendo as comunidades escolares para a importância das sessões de formação e sensibilização relacionadas com o bullying e a discriminação em cada contexto social e escolar.

Este esforço adicional foi expresso pelo número adicional de participantes que participaram nas diferentes ações de sensibilização e formação e que felizmente revelaram um elevado grau de satisfação.

Lições aprendidas

De um modo geral, os parceiros do projeto sublinharam frequentemente a importância de abordar o tema do bullying através de abordagens educativas não formais e de participação ativa, para possibilitar uma maior participação de todos os elementos da comunidade escolar.

Os encontros nacionais (Portugal) e internacionais (Palermo) foram cruciais para o intercâmbio de boas práticas e o desenquadramento das escolas da sua "perspetiva local".

No último encontro de trabalho de todos os parceiros do projeto Stop Bullying, discutiram-se as melhores práticas e lições aprendidas, que foram resumidas pelos participantes nas seguintes recomendações:

Os grupos de trabalho heterogêneos representaram um bom ponto de referência para as atividades do projeto e poderiam ser considerados como atores-chave para maior sustentabilidade das atividades do projeto.

- **No futuro: estes grupos de trabalho devem ser estabelecidos no início das atividades do projeto, para reforçar o sentimento de apropriação do projeto e devem ser dinamizadas mais sessões de formação / capacitação sobre o seu papel potenciador.**

O papel dos alunos deve ser fortalecido. A dimensão internacional representou um ponto forte porque (especialmente durante o encontro de jovens) criou-se uma rede de "jovens campeões da mudança" e foi possível manter a rede ativa através de canais on-line (redes sociais e outros ...).

- **No futuro: facilitar o papel de liderança dos alunos, incluindo mais formação sobre a participação ativa e as relações de poder com os professores e direções escolares.**

Os funcionários da escola / pessoal não docente mostraram um elevado envolvimento e grande potencial, mas os parceiros tiveram dificuldades em envolvê-los (eles não se podem ausentar do seu posto durante o horário de trabalho, por razões de segurança)

- **No futuro:** sessões de empoderamento para obterem maior esclarecimento sobre o seu papel nas dinâmicas escolares (especialmente no que se refere aos professores, cuja relação de poder emergiu várias vezes como fator de perturbação).

O papel dos diretores deve ser reforçado: se eles estão comprometidos, todas as escolas estão comprometidas.

- **No futuro: explorar e discutir o seu papel "político" para reforçar a sustentabilidade institucional das ações do projeto.**

Avaliação

Questionário da Temperatura do Bullying – 2015/2016

Anexo a consultar para informações detalhadas: Relatório final “Questionário Temperatura do Bullying”

“Na minha opinião discriminação, quer seja pela opção religiosa, origem étnica, e outras escolhas é associado com bullying. As pessoas com diferentes personalidades e crenças não conseguem aceitar as nossas escolhas, reagindo com atos de protesto de bullying físico e psicológico.”

Resposta do “Questionário Temperatura do Bullying”

Para o projeto Stop Bullying foi implementada uma ferramenta de avaliação, no formato de “Questionário da Temperatura do Bullying nas Escolas”, que foi aplicado não apenas nas seis escolas nacionais participantes no projeto, como nas restantes onze escolas internacionais parceiras do projeto.

Para o projeto foram implementados dois questionários: um inicial (entre 13 de janeiro e 23 de fevereiro de 2015) planeado para avaliar a situação das escolas em relação ao bullying e a discriminação; um segundo questionário na fase final do projeto (entre 16 de Maio e 10 de Junho de 2016) para avaliar se houve mudança nas escolas com o desenvolvimento do projeto e o impacto do projeto na comunidade educativa.

Assim, professores, alunos e funcionários não docentes (assistentes operacionais e assistentes técnicos) das seis escolas responderam a questões que nos permitiu ter uma visão abrangente da situação em que cada escola se encontra, como pretendeu ser igualmente uma ferramenta inicial para que as EADH pudessem ajudar as escolas a definir um conjunto de iniciativas estruturadas para reduzir os indícios de agressão, perseguição e humilhação continuada entre crianças e jovens.

O questionário foi colocado online, através do site “Survey Monkey”, para facilitar a sua aplicação pelos professores e posterior análise de dados pela Amnistia Internacional.

Principais conclusões:

No questionário inicial foi possível obter 1333 respostas de diferentes inquiridos, enquanto que no segundo questionário foram obtidas 535 respostas. Este decréscimo de 60% em respostas deveu-se ao facto de no segundo questionário os participantes tiveram menos tempo para responder e também pelo facto de o segundo questionário se ter realizado na fase final do ano letivo, quando alunos e professores estavam muito focados em avaliações finais e exames nacionais.

Embora menos pessoas tenham respondido, foi possível observar melhorias em várias áreas. Por exemplo, quando testemunhando uma situação de bullying a percentagem de pessoas que sentiram a necessidade de intervir aumentou 6,5%. O mesmo aconteceu com as vítimas de bullying, onde a percentagem de pessoas que não davam importância a este fenómeno diminuiu 7%. As opções que representam a tomada de medidas aumentaram: *“Pedir a um professor ou outro pessoal da escola para intervir”* e *“Pensei que era necessário pesquisar a ajuda de outros colegas”* aumentou em 4% em cada resposta.

Quando se trata da ajuda de pessoal qualificado, 52% dos entrevistados que referiram não serem ajudados no primeiro questionário, mudaram de opinião no último questionário, onde a maioria das pessoas (51%) disseram ter recebido ajuda de pessoal qualificado no apoio a resolução de situações de bullying.

Quanto à ajuda dada aos agressores para melhorar seu comportamento, os participantes concordaram que a escola oferece apoio adequado, aumentado em 16%.

Quanto à concordância de que existem palavras discriminatórias / ofensivas escritas nas paredes da escola a percentagem de 53% permanece inalterada.

A maioria das pessoas que acreditam que este tipo de comportamento é confrontado "com regulamentos escolares específicos" aumentou 8% (no primeiro questionário 63% responderam "sim", enquanto no segundo 71% o fizeram). Quanto a estas regras sendo conhecidas e acessíveis para todos os membros da comunidade escolar, a percentagem de pessoas que concordam que eles o são também aumentou em 8%.

Em relação a quem ajuda nessas situações, "alunos" continua a ser a opção escolhida pela maioria dos pesquisados.

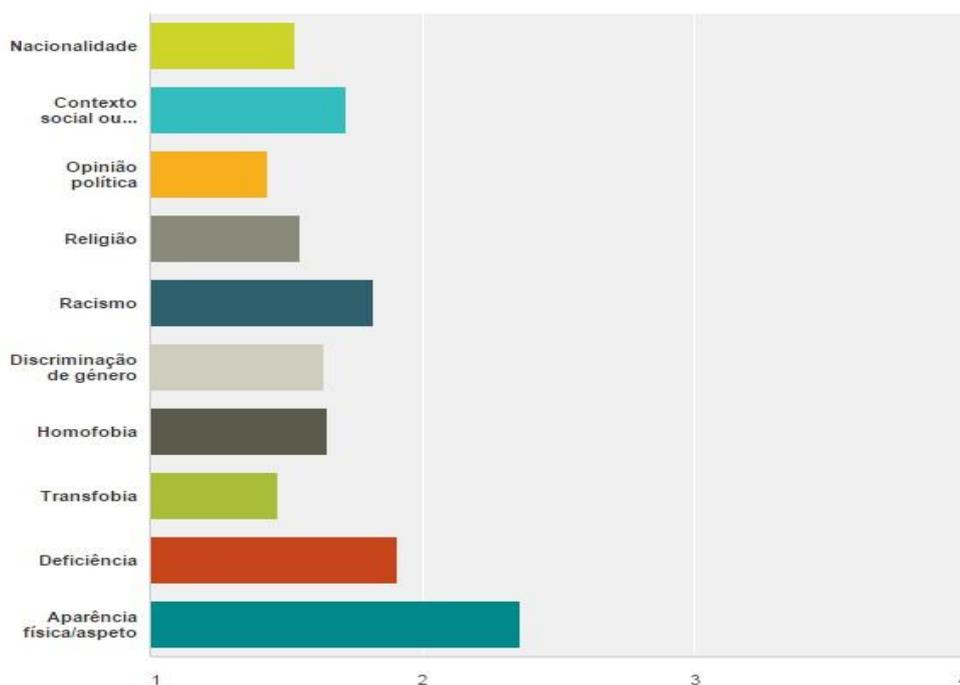
A maioria dos inquiridos também concorda que elementos da comunidade escolar, de todos os contextos sociais e culturais, são aceitos sem sofrer bullying.

O processo de tomada de decisão é, segundo a maioria, participado por todos. No primeiro questionário não foi assim: 52% das pessoas discordaram e agora 61% concordam que isso acontece.

A questão da liberdade de expressão parece estar ainda assegurada, pois a maioria concorda que todos se sentem livres para expressar suas opiniões e personalidade na escola. O mesmo se aplica à segurança e aos direitos humanos.

No questionário final, a maioria das pessoas ainda acredita que há uma ligação entre bullying e discriminação, onde as principais motivações para estes atos estão relacionadas com a aparência física e deficiência. As restantes opções fornecidas foram: nacionalidade, contexto social ou cultural, opção política, religião, racismo, género, homofobia, transfobia, deficiência, aparência/aspecto físico.

Gráfico 4 – Motivações para situações de *bullying* nas escolas



Questionários a Encarregados de Educação

No questionário final, 80 encarregados de educação igualmente responderam a um breve questionário sobre o efeito do projeto na sua vida e na vida escolar dos seus educandos.

Uma das perguntas mais relevantes deste questionário pretendia averiguar se encarregados de educação consideravam que a educação para os direitos humanos deveria ser obrigatória na escola, onde 100% dos inquiridos responderam afirmativamente, referindo que *“É importante abordar estes temas com jovens para que, desde cedo, todos se sintam responsáveis pela defesa dos direitos humanos.”*

Cerca de 76% dos respondentes assinalaram mudanças de comportamento dos seus educandos e referiram que a principal mudança foi gerada pela dinamização de ações de sensibilização em relação à importância combater o bullying e a discriminação com ações concretas.

A maioria também concordou que houve mudanças comportamentais na escola, considerou o projeto como útil e facilmente recomendariam o projeto a outra escola.

“Mesmo que esteja sozinho eu posso fazer a diferença porque eu sensibilizo os meus pares sobre o tema.”

Resposta do “Questionário Temperatura do Bullying”

Avaliação Externa

REDU – *Rete educare ai diritti umani*

Anexo a consultar para informações detalhadas: Relatório de avaliação REDU para o projeto Stop Bullying

Como foi referido anteriormente o projeto Stop Bullying foi sujeito a uma avaliação externa, pela REDU – *Rete educare ai diritti umani* (Rede educar para os direitos humanos), que analisou as várias ações e resultados do projeto e que teve a possibilidade de entrevistar presencialmente alguns dos participantes do projeto e respetivos grupos de trabalho, em quatro das seis escolas participantes em Portugal.

As atividades de avaliação destinaram-se a recolher e analisar dados qualitativos e quantitativos em cooperação com todos os envolvidos, com o intuito de mapear as melhores estratégias para combater o bullying e a discriminação, através de uma abordagem baseada nos direitos humanos, que pode melhorar cada ambiente escolar.

A avaliação foi planeada com objetivo estimular uma reflexão compartilhada e recolher o ponto de vista de todos os atores envolvidos no processo. Com especial enfoque na perceção da mudança observada pelos alunos, foi fundamental realizar visitas locais para avaliar a sustentabilidade dessa mudança em cada contexto educativo.

As intervenções de avaliação não foram apenas estruturadas a pensar nos sucessos e resultados alcançados – resultados esses identificados e descritos na estrutura de planeamento do projeto – mas sobretudo para averiguar, com mais detalhe, a aprendizagem global que ocorreu em cada escola, em termos atitudes e motivações que levaram os alunos a agir e melhorar a sua realidade educativa.

Avaliação REDU Portugal – Mudança na vida das pessoas

As informações apresentadas foram recolhidas nas entrevistas presenciais com professores, pessoal não docente e alunos durante três visitas locais (e uma reunião via skype com a Escola Secundária Levante da Maia) e através dos dados dos questionários finais preenchidos por alunos, pais, professores e membros dos grupos de trabalho.

75,64% dos professores que responderam ao questionário, notaram uma mudança nos comportamentos dos alunos, especificamente nos seguintes aspetos:

- 27,69% declararam ter notado "*os alunos mais conscientes sobre a importância de confrontar o bullying e a discriminação com ações concretas*"
- 24,62% declararam que "*os alunos estão mais conscientes sobre o bullying e a discriminação*"
- 12,31% declararam que "*os alunos se preocupam mais uns com os outros*"
- 9,23% declararam que "*os alunos se preocupam mais com o ambiente escolar*"
- 7,69% declararam que "*os alunos estão mais conscientes dos recursos próprios que podem ser utilizados para combater o bullying e a discriminação*".

Confirmando a perceção dos professores em relação as mudanças assinaladas com o desenvolvimento do projeto, os encarregados de educação/pais referiram que perceberam mudanças nos comportamentos dos seus educandos. A principal mudança, de acordo com 28% dos entrevistados no questionário foi a importância de "*confrontar o bullying e a discriminação com ações concretas*", 25% dos entrevistados sublinhou também que os alunos "*estão mais conscientes sobre o problema do bullying e da discriminação*".

De uma forma geral as declarações das entrevistas coincidem em grande parte com os resultados do questionário sobre a “Temperatura do Bullying”.

A maioria dos professores notou que os alunos, diretamente envolvidos no projeto, aumentaram sua consciência sobre bullying e discriminação e foram motivados a reagir a situações específicas desta natureza. Para confirmar as observações dos professores, a maioria dos alunos declarou que - no final do projeto – sentiram-se *"com a mente mais aberta"*, *"mais conscientes sobre diferentes tópicos"*, *"mais dispostos a ouvir as histórias de outras pessoas"* e *"prontos para compartilhar as suas histórias"*.

Em algumas escolas, os alunos que participaram nas ações de formação sobre "o papel do mentor" sentiram-se mais preparados para informar os alunos mais novos e apoiá-los no caso de enfrentarem uma situação de bullying. Em outras escolas, alguns alunos - apesar do projeto de dois anos - não mudaram as suas atitudes, sendo ainda agressivos uns com os outros. Isso confirma a importância de, como referiu um professor *"não parar o projeto após dois anos, mas continuar a trabalhar em Direitos Humanos, Educação para Direitos Humanos, bullying e discriminação como questões transversais para todos os alunos"*.

Para os alunos que participaram no encontro e na formação em Palermo, a experiência foi inspiradora, especialmente porque tiveram a oportunidade de compartilhar informações sobre seus contextos e realidades, aprender uns com os outros, para aprender a realizar ações como *flashMob's*.

No geral, os alunos passaram a sentir-se mais confortáveis nas suas escolas e foi visível para o pessoal não-docente, que observaram uma *"mudança em termos de comportamentos"* dos alunos que estavam a participar plenamente no projeto durante os dois anos em que decorreu.

Finalmente, como foi referido por outro professor "o projeto estimulou os alunos a uma auto-reflexão, graças à oportunidade de compartilhar seus pontos de vista nas suas escolas ao longo das oficinas de formação, a nível nacional /Encontro Nacional de Estudantes) e graças ao encontro internacional de Palermo".

Os alunos sentem, de forma geral, menos ignorantes sobre o tema, mais conscientes sobre possíveis ações a serem dinamizadas e estão ainda motivados a aprender mais sobre *"dinamizar ações"* e falar sobre *"casos reais e a realidade que eles vivem para gerar uma mudança real"*.

C. Mudanças indiretas nos alunos que não participaram do projeto

Embora alguns professores e diretores terem declarado nas entrevistas que os fenômenos de bullying não estavam presentes nas suas escolas, os resultados do questionário final da “Temperatura do bullying” revelaram a presença de bullying nas seis escolas. Alguns alunos, quando entrevistados, declararam a existência de casos reais de bullying também, para confirmar os dados recolhidos nos questionários.

O facto de os fenômenos de bullying terem sido identificados e mencionados de diferentes formas, motivou os alunos a participar do projeto e compartilhar suas experiências com outros colegas, para apoiá-los e atuar como mentores, graças à capacitação específica da Amnistia Internacional nas escolas participantes.

Durante as entrevistas, os alunos que não participaram em nenhuma ação do projeto referiram que sentiram-se mais apoiados e motivados para saber mais sobre os temas. A história da "experiência internacional em Palermo" foi espalhada por todas as escolas e tornou-se num fator motivador para todos os alunos a participar nas próximas etapas do projeto.

Nota importante: para informações mais detalhadas sobre a avaliação externa consultar o relatório da REDU, com especial enfoque nas “Mudanças nas Políticas”, “Mudanças da Responsabilização” e “Mudanças no Ativismo e Mobilização”.

Principais conclusões das ações dinamizadas durante a duração do projeto

Envolvimento da comunidade escolar: muito mais estudantes, professores e funcionários da escola envolvidos do que o inicialmente previsto no projeto, durante as oficinas de formação e sensibilização.

O tema do *bullying* é um fenómeno cada vez mais crescente nos ambientes escolares em Portugal. As escolas normalmente revelam carências em como lidar com esta problemática, muitas vezes porque os técnicos e profissionais que trabalham com os jovens não têm os conhecimentos nem os recursos adequados para lidar com os conflitos destas crianças, aplicando a abordagem mais adequada.

As escolas normalmente não têm um plano estruturado para combater a problemática do *bullying*, o que remete para as direções escolares a responsabilidade da criação de um plano preventivo para diminuir os índices de humilhação, perseguição e agressividade nos espaços escolares.

Pelas abordagens participativas e dinâmicas introduzidas pela equipe AI Portugal HRE, todos os intervenientes revelaram muito empenho durante as sessões, porque o formato tradicional de sala de aula, centrado no professor, educador ou facilitador (e não no aluno) foi deixado para trás e deu lugar a um espaço de aprendizagem aberto, onde todos puderam participar e assim tornarem-se ativos na construção de soluções relevantes para os temas que foram discutidos.

Através da abordagem não-formal e participativa, utilizada durante as sessões de formação, foi fácil realizar a ligação entre *bullying* e discriminação, como uma forma de violação dos direitos humanos, onde notoriamente a grande maioria dos alunos tornaram-se mais sensíveis, conscientes e responsáveis pelas suas ações para com os outros, como foi mencionado nas segundas fases de formação pela maioria dos estudantes através das suas avaliações.

A forma como a maioria dos alunos sentiu que pela primeira tinha uma voz ativa na escola, pois consideraram que existem poucos momentos de reflexão conjunta em que possam dar a sua opinião sobre as dinâmicas escolares e que possam intervir sobre a melhoria da mesma.

Um outro marco deste projeto tem a ver com forma como **os professores que participaram nas formações reconsideraram as suas estratégias e metodologias de sala de aula,** através das novas ferramentas e atividades introduzidas pela AI durante as sessões dinamizadas para este público-alvo. Alguns destes docentes tiveram a oportunidade de dinamizar algumas das actividades propostas pela AI em algumas aulas, com resultados significativos.

Desenvolveram-se mais oficinas de formação e workshops do que inicialmente previsto no projeto pois houve a necessidade de ter em conta alguns aspetos específicos de cada escola e assim adequar o plano de formação de forma mais adequada a cada contexto escolar.

Principais desafios para as próximas etapas do projeto

A realidade educativa portuguesa atua em redor de um contexto profissional, social e político muito particular. Principalmente devido à crise económica, que levou a uma reestruturação do sistema de ensino, assinalou-se uma série de cortes nos recursos humanos disponíveis, um retrocesso na progressão de carreiras do pessoal docente e um aumento de alunos por turma, que fez com que as escolas tivessem de readaptar as suas práticas.

O clima de alguma instabilidade e falta de motivação dos profissionais que trabalham com crianças e jovens, com um currículo com pouco espaço para a introdução de novos temas ou abordagens que vão além do estabelecido pelo M.E.C. significa que é muitas vezes difícil envolver todos os intervenientes do processo educativo, nas metodologias e atividades educativas formais e não-formais.

Os principais constrangimentos assinalados durante a implementação do projeto foram:

- Dificuldade em envolver mais professores em novas actividades e metodologias de ensino, devido a constrangimentos na progressão das carreiras e exigência do calendário e currículo escolar (preparação nacional exames).
- Dificuldade em envolver os principais grupos alvo em algumas das sessões de formação e em reuniões de grupos de trabalho, dentro e fora da componente letiva, devido aos horários completos.
- Exigências burocráticas do M.E.C. que não deixam muita margem para atividades extracurriculares.
- O compromisso de alguns Conselhos Executivos com o projeto é muito ténue. Estes dão a abertura para que o projeto seja desenvolvido nas escolas, mas muitas vezes não facilitam as condições necessárias aos professores coordenadores e outros participantes para envolverem-se de forma mais construtiva nas atividades.

Outras observações/sugestões Conclusões

Os alunos estão definitivamente envolvidos quando participam em ações educativas através de metodologias participativas não-formais, principalmente com temas de Direitos Humanos. Revelam um elevado nível de motivação quando os recursos e as atividades desenvolvidas fazem-nos agir em direção ao conhecimento, em vez de apenas desempenharem um papel passivo na sala de aula.

Será importante que a AIP continue a desenvolver atividades de formação sobre participação ativa, a integração os temas de direitos humanos no currículo e continuar a trabalhar sobre a governança escolar partilhada com a participação dos alunos, em processos abertos de discussão sobre práticas e procedimentos escolares, tornando os jovens mais responsáveis e participativos pelas suas ideias.

A maioria dos alunos estão empenhados em se tornarem alunos tutores/mentores/multiplicadores, para que possam vir a apoiar alunos mais jovens no seu contexto escolar. Alguns desses alunos mentores devem incluir jovens que já foram vítimas de bullying, que através deste processo de formação e acompanhamento estruturado se possam sentir mais conscientes e empoderados para ajudar outros alunos.

Para que este processo suceda será necessário que haja uma equipa de trabalho (professores, psicólogos, funcionários, ...) que faça o acompanhamento a estes jovens (mentores e mentorados), pois deve haver uma avaliação próxima por parte de um adulto que ajude os alunos mentores a lidar com eventuais conflitos durante o processo de acompanhamento aos alunos mentorados.

É necessário que se estabeleça um acordo mais responsável e realista com as direções escolares das EADH, para que estas se envolvam mais no planeamento e execução de todas as atividades previstas, juntamente com o grupo de trabalho e todos os restantes intervenientes da comunidade educativa. Só assim se poderá desenvolver uma lógica de ação holística e fortalecer o papel participativo dos jovens.

Deve haver um compromisso com cada EADH que leve a direção escolar a definir pelo menos dois professores a coordenar o projeto SB, com carga horária especificada nos seus horários para esse fim. O envolvimento dos professores coordenadores é crucial, sendo que devem ter a disponibilidade para coordenar e envolver os participantes nas atividades do projeto.

A AI Portugal deve trabalhar no sentido de se tornar numa entidade de formação reconhecida (ou criar parcerias com alguma entidade de formação ou universidade) que permita dinamizar ações de formação certificadas. Desta forma será mais fácil envolver professores nas ações, pois a certificação contribui para progressão na carreira docente.